

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“JÁ FOI MUITO GRANDE E IMPORTANTE”: HISTÓRIA E MEMÓRIA LOCAL NA ESPACIALIZAÇÃO DO REGISTRO PAROQUIAL DE TERRAS DE DOURADINHO - MG (1855 - 1856)

Isaac Cassemiro Ribeiro

IFSULDEMINAS – *Campus* Machado

isaac.ribeiro7@gmail.com

Introdução

Apresentamos aqui parte dos resultados de um projeto de extensão, demandado pela comunidade de Douradinho, e realizado no âmbito do Grupo de Pesquisas em Cultura Material (GPCM) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - IFSULDEMINAS, *campus* Machado. O objetivo final do projeto foi a criação de uma exposição permanente apresentando a História & Memória do local.

A antiga freguesia de São João Batista de Douradinho foi criada em 1813, desmembrando-se de Santana do Sapucaí (atual Silvianópolis). Todos os municípios do entorno tiveram sua origem em freguesias fundadas posteriormente (REBELLO, 2006). O território civil do arraial pertencia à vila de Campanha, na antiga Comarca do Rio das Mortes – capitania de Minas Gerais (ANDRADE, 2014). Hoje, o pequeno povoado de Douradinho é um distrito rural do município de Machado, no Sul de Minas. A memória local guarda vestígios desse passado, de forma mítica, em máximas como: “Douradinho é um dos lugares mais antigos do Sul de Minas”; ou “Douradinho já foi muito grande e importante, depois entrou em decadência”. Problematizando tais assertivas, buscamos identificar a origem das freguesias e povoados que fizeram ou fazem limite com o atual distrito, dado que facilmente validou a maior antiguidade de Douradinho. Porém, se comparado com todo o território do atual “Sul de Minas”, observa-se certa simultaneidade na criação de freguesias na região durante as últimas duas décadas do Período Colonial.

Tais jurisdições eclesiásticas – as freguesias – eram resultados de ocupações territoriais pretéritas, que devido ao adensamento populacional demandavam política e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

economicamente por maior empenho administrativo e devocional (FONSECA, 2011). No caso do sul da Comarca do Rio das Mortes, as terras férteis, e, sobretudo, a proximidade em relação aos mercados do Rio de Janeiro e São Paulo; foram fundamentais como atrativo para as populações advindas da área central da capitania. Essas, com a progressiva diminuição da extração aurífera em fins do século XVIII, buscavam oportunidades nas fronteiras (RIBEIRO, 2014).

Identificamos as primeiras referências a topônimos da região em uma carta de sesmária concedida no ano de 1765. Isso se deu vinte anos depois da primeira expedição de extermínio dos “Quilombos do Campo Grande”, que dominavam os territórios na fronteira Oeste e Sudoeste da comarca do Rio das Mortes (GUIMARÃES, 1988) (SOUZA, 2006) (MARTINS, 2008). Quanto às referências míticas à extensão do território de Douradinho, buscamos confrontá-las com o Registro Paroquial de Terra (RTP) local, para os anos de 1855 e 1856. Suas informações foram transcritas em um banco de dados e especializadas, por meio de Sistema de Informações Geográficas (SIG Histórico) em um mapa contendo todas as propriedades com mais de um declarante no registro. O resultado da investigação nos permitiu dimensionar o tamanho da freguesia e constatar que as propriedades registradas em Douradinho abrangiam territórios que se estendiam por cinco atuais municípios, a saber: Machado, Carvalhópolis, Paraguaçu, Poço Fundo e Turvolândia. O resultado da espacialização dos dados certamente denota a grande extensão de terras pertencentes à antiga freguesia.

Metodologia: softwares e espacialização dos Registros Paroquiais de Terra

Existem diferentes métodos e vários *softwares* que podem ser aplicados na espacialização dos Registros Paroquiais de Terra, doravante RTPs. Esses documentos foram elaborados a partir de 1854 como decorrência da Lei de Terras de 1850 (GODOY & LOUREIRO, 2010, p. 120). Para Minas Gerais, na última década, foram realizados ao menos dois trabalhos de vulto que buscaram analisar tais registros, especializando-os com SIG Histórico: trata-se da dissertação de Rafael Martins de Oliveira Laguardia (2011) e da tese de Mateus Rezende de Andrade (2018). Todavia, a espacialização dos RTPs exige conhecimentos de *softwares* que vão muito além da formação geral dos historiadores, tendo em vista que na maioria das universidades brasileiras não são ofertadas disciplinas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de SIG Histórico. Objetivamos aqui, portanto, oferecer um breve e tímido “tutorial” para aqueles que, como eu, queriam e precisavam muito especializar essa fonte, porém não possuem grandes conhecimentos em SIG Histórico.

O primeiro passo é transcrever os registros. Em nosso projeto a bolsista de extensão do Ensino Médio (PIBEX-Jr), Maria Eduarda Pereira Moraes, transcreveu todos os 198 RTPs da freguesia de Douradinho em *Word*, e depois transportou os dados para uma planilha de *Excel*. As informações foram divididas em colunas que nos possibilitassem uma análise posterior focada na identificação geográfica das propriedades. Criamos, portanto, colunas para o número do registro; o nome do declarante; o nome da propriedade; confrontantes e toponímias¹, etc. Essa última coluna foi de fundamental importância para a localização atual das antigas propriedades. Muitos dos nomes dos córregos e rios ainda são os mesmos, e algumas fazendas mantiveram os mesmos nomes, o que nos permitiu localizá-las e utilizá-las como referência para especializar aquelas que já não mais existem.

Mapa 1 – Douradinho no detalhe do Mapa Municipal de Machado (MG, 1939)

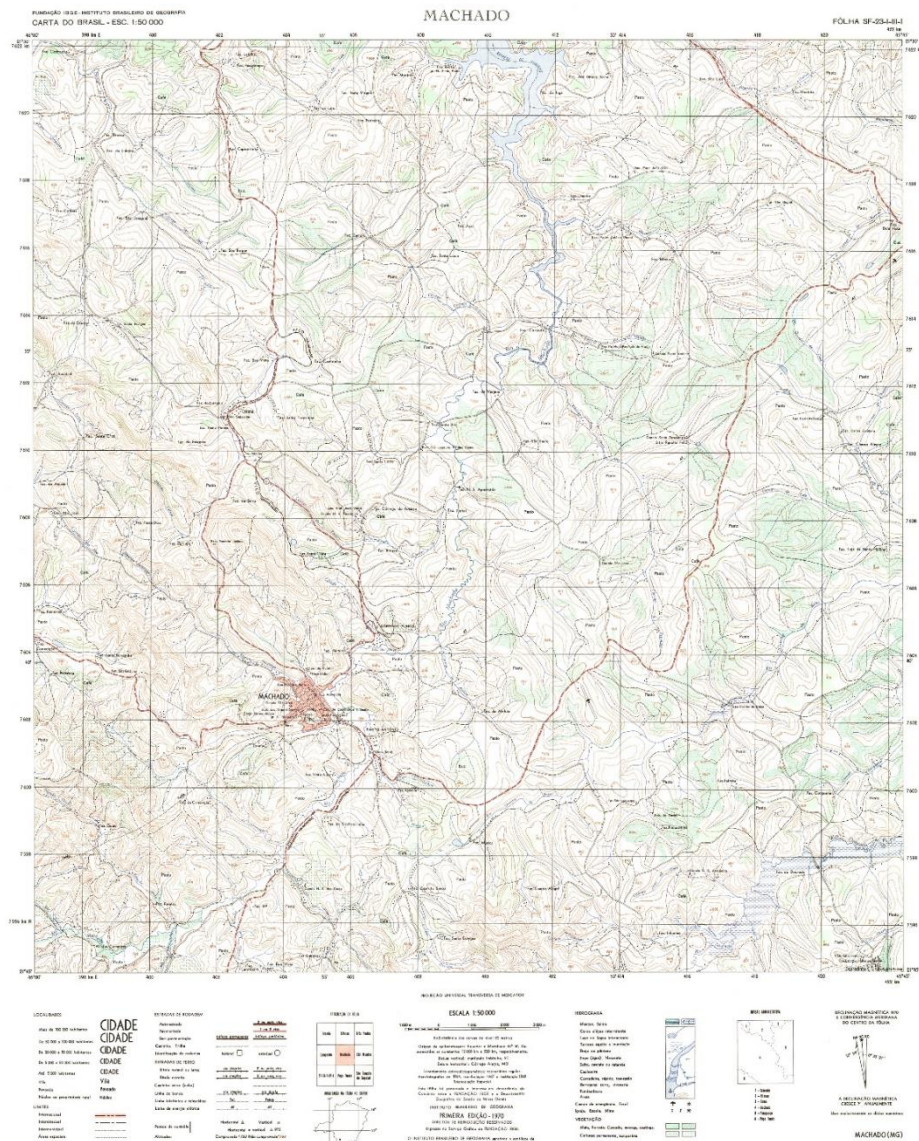
¹ É importante destacar que para uma análise de redes que possibilite a espacialização dos RTPs, como aquela realizada por ANDRADE (2018), é necessário a fragmentação dos confrontantes em colunas separadas. Não utilizamos esse método mais trabalhoso pois possuíamos muitas informações qualitativas sobre o local, o que nos permitiu especializar os registros sem o recurso à análise de redes. Todavia, para aqueles que não possuem grandes informações qualitativas sobre a região na qual foram realizadas o RTPs, sugerimos a aplicação de tal método.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Mapa 2 – Carta Geográfica do IBGE para Machado (MG, 1970)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Nesse ponto, também é sempre necessário a comparação dos dados dos RPTs com mapas antigos. Para Minas Gerais, os mapas municipais de 1939 disponíveis no Arquivo Público Mineiro são fundamentais, pois apresentam riquíssimas informações toponímicas (ver Mapa 1).² Também utilizamos as Cartas Geográficas do IBGE, da década de 1970,

² Os mapas podem ser consultados no *site* do APM, basta digitar o nome do município e “MG” na busca que entre os resultados para “imagens cartográficas” constará: “mapa do estado de minas gerais - município tal (1939)”. No APM encontram-se mapas para a maior parte dos municípios mineiros. http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos/brtacervo.php?cid=423&op=1 (acesso, setembro de 2021).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que não registram muitos nomes de propriedades, porém são mais precisas na localização geográfica (ver Mapa 2).³

De mesmo modo foi fundamental a confrontação dos RTPs com os conhecimentos sobre as toponímias da região guardados na memória dos moradores locais. Em nosso caso, muitos desses participaram do projeto de extensão, alguns deles como bolsistas, outros como colaboradores, destacamos aqui: Ricardo Celso de Souza (Bolsista de Colaboração Técnica - BCT), agente dos correios aposentado; Ronne Peterson de Faria Oliveira, pároco local; e João Caproni de Oliveira Junior, morador na zona rural do município, além da supracitada bolsista PIBEX-Jr.

Dos 198 RTPs da freguesia de Douradinho, 177 referiam-se a propriedades com dois ou mais declarantes (veja Tabela 1), ou seja, aquelas em que existiam mais de um proprietário (excepcionalmente poderiam existir propriedades homônimas, porém, a leitura dos topônimos e confrontantes em comum descartou essa hipótese em quase todos os casos). Identificamos propriedades com diversos declarantes, sendo o maior número a que contou com 43 proprietários (fazenda São João). Isso possivelmente refletia a antiguidade da ocupação do território e a fragmentação das antigas fazendas, tendo em vista que a maioria dos proprietários eram herdeiros ou coerdeiros de um ancestral comum, conforme declarado. Outros, eram compradores que afirmavam ter comprado de algum herdeiro. E, por fim, em alguns registros não foi possível identificar a ligação do declarante com a propriedade de nome comum, porém, muito provavelmente também em algum momento haviam comprado de um herdeiro ou coerdeiro.

Com esses dados em mãos, o primeiro corte foi a espacialização apenas das 177 propriedades com mais de um declarante. Essa escolha foi feita em razão de nossa pergunta inicial: qual era a extensão da antiga freguesia? Uma amostra como essa, que corresponde a quase 90% dos registros foi mais do que suficiente para a elucidação de nosso problema, bem como possibilitou melhor visualização das informações no mapa. Para georreferenciar as propriedades utilizamos o *software Google Earth*, uma ferramenta

³ As cartas geográficas do IBGE podem ser consultadas no site: <https://biblioteca.ibge.gov.br/> (acesso, setembro de 2021).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

muito conhecida, gratuita, e fácil de ser utilizada.⁴ Nesse programa constam algumas toponímias, como os nomes dos maiores rios e de algumas propriedades já cadastradas na ferramenta de busca, porém, certamente a maior parte dos nomes das antigas propriedades declaradas não constarão ali. Por isso, é necessário se familiarizar com os mapas da região e a forma atual do espaço (rios, relevos, malhas urbanas, etc.), visualizadas nas imagens de satélites do *software*.

Tabela 1 – Propriedades com mais de um declarante

Nome da Propriedade (ou Lugar)	Nº de Declarantes
São João	43
Desterro	28
Santo Antônio do Pinhal	20
Catanduva	8
Carvalhos	7
Dourado	6
Douradinho	6
Bocaina	5
Pouca massa	5
Limeira(s)	5
Tagio Esmeril; Thagio; Córrego do Tagio	5
Retiro	4
Cafundó	4
Cachoeirinha	3
Mato Dentro	3
Turvo	3
Gramagou [Grão Mogol]	3
Pinhal	3
Onça	2
Barreiro	2
Lambari [Lugar]	2
Córrego do Moquéim [Lugar]	2
Fazenda Sapucahy [Sapucaí]	2
Esmeril	2
Pires	2

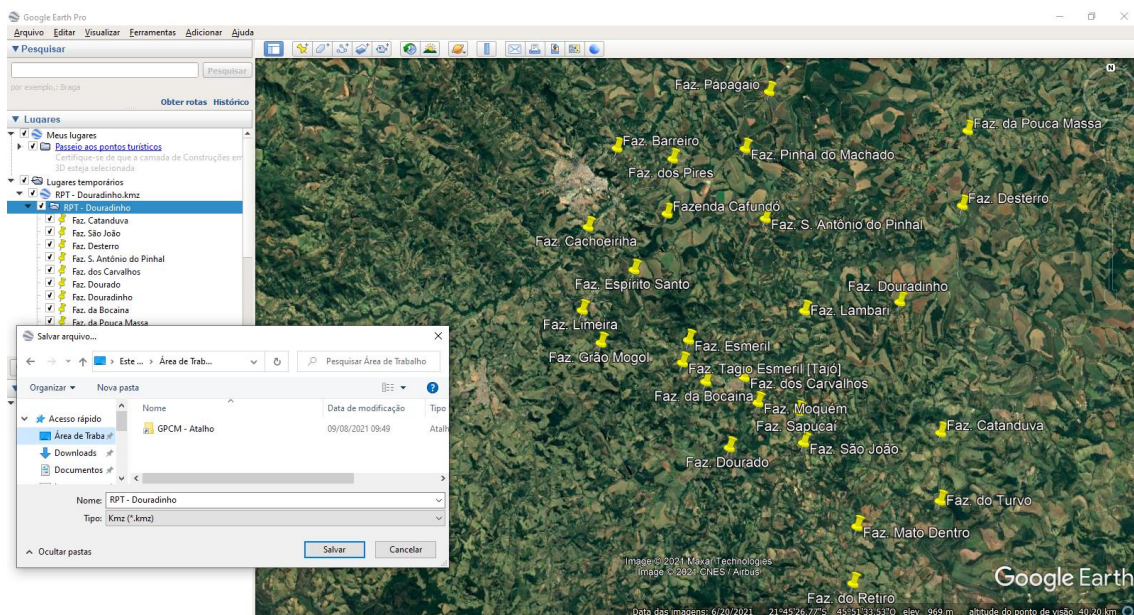
⁴ O programa pode ser baixado no seguinte *site*:
<https://www.google.com.br/earth/download/gep/agree.html> (acesso, setembro de 2021)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Fonte: RTPs da Freguesia de Douradinho (MG, 1855 – 1856)

No *Google Earth* criamos uma pasta (RPT Douradinho) clicando com o botão direito do *mouse* na figura com um globo e o título de “meus lugares”, que consta na lateral esquerda do programa. Para cada registro adicionamos um “marcador” com o nome da propriedade (veja figura 1) que foi inserido no local da sede (antiga ou nova), quando essa ainda existia; ou em uma região aproximada, levando em consideração os topônimos do RPT. Depois de adicionados todas as propriedades com marcadores (que também registram o georreferenciamento com coordenadas geográficas), salvamos a pasta de “meus lugares” “RPT Douradinho” em formato (Kmlz) clicando nela com o botão esquerdo do *mouse* (ver figura 1). Esse arquivo será a principal fonte para a elaboração do mapa em outro *software*.

Figura 1 – Georreferenciamento dos Registros no *Google Earth*



O próximo passo é importar os dados para o *Qgis*⁵, um *software* gratuito e com diversas ferramentas relativamente fáceis de trabalhar. No programa clicar em “camada”, depois “adicionar camada vetorial”. Feito isso, o *Qgis* abrirá uma janela, e basta abrir o

⁵ Ele pode ser baixado gratuitamente no site: https://www.qgis.org/pt_BR/site/forusers/download.html (acesso, setembro de 2021).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

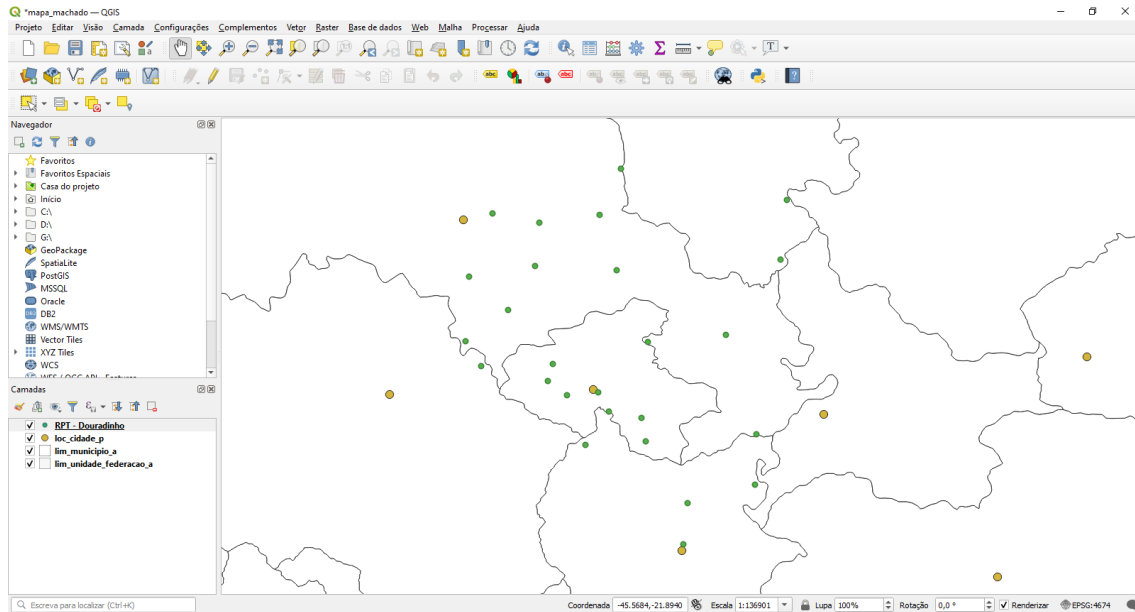
arquivo o RPT em formato (Kml) que as propriedades georreferenciadas serão adicionadas ao projeto do mapa. Após esse procedimento, é necessário importar para o projeto do mapa um tipo de arquivo com informações geográficas denominado *shapefile*. Para o nosso mapa, utilizamos apenas *shapefile* do IBGE (2017) com a divisão dos municípios, o que nos permitiu ver a extensão do território e as propriedades da freguesia de Douradinho em relação às atuais cidades do entorno (ver Figura 2).⁶ Porém, de acordo com cada pesquisa, diversos outros *shapefile* e camadas podem ser adicionadas para uma boa leitura de SIG Histórico. Por fim, com as principais informações geográficas já adicionadas, criamos um *layout* do mapa, que é exportado no formato final de imagem escolhido. Nesse ponto, é necessário conhecimentos propriamente geográficos para a elaboração do mapa, portanto sugerimos o tutorial do prof. Vítor Alves (VasGeo), que apresenta de forma clara e fácil todos os procedimentos necessários para a finalização do trabalho.⁷ Por fim, é importante destacar que no *layout* criamos três ordens de círculos representando o número de declarantes, a saber: o maior para propriedades com 20 a 43; o intermediário com 3 a 8; e o menor com 2.

Figura 2 – Elaboração do Mapa no *Qgis*

⁶ O IBGE disponibiliza em seu *site* diversos *shapefiles*, confira em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/15774-malhas.html?=&t=downloads> (acesso, setembro de 2021).

⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=vAQ9IQG1bIQ&list=PL51517hmlwn9XZVwpTmLZaBjTEsMN2ywT&index=1&t=4216s> (acesso, setembro de 2021).

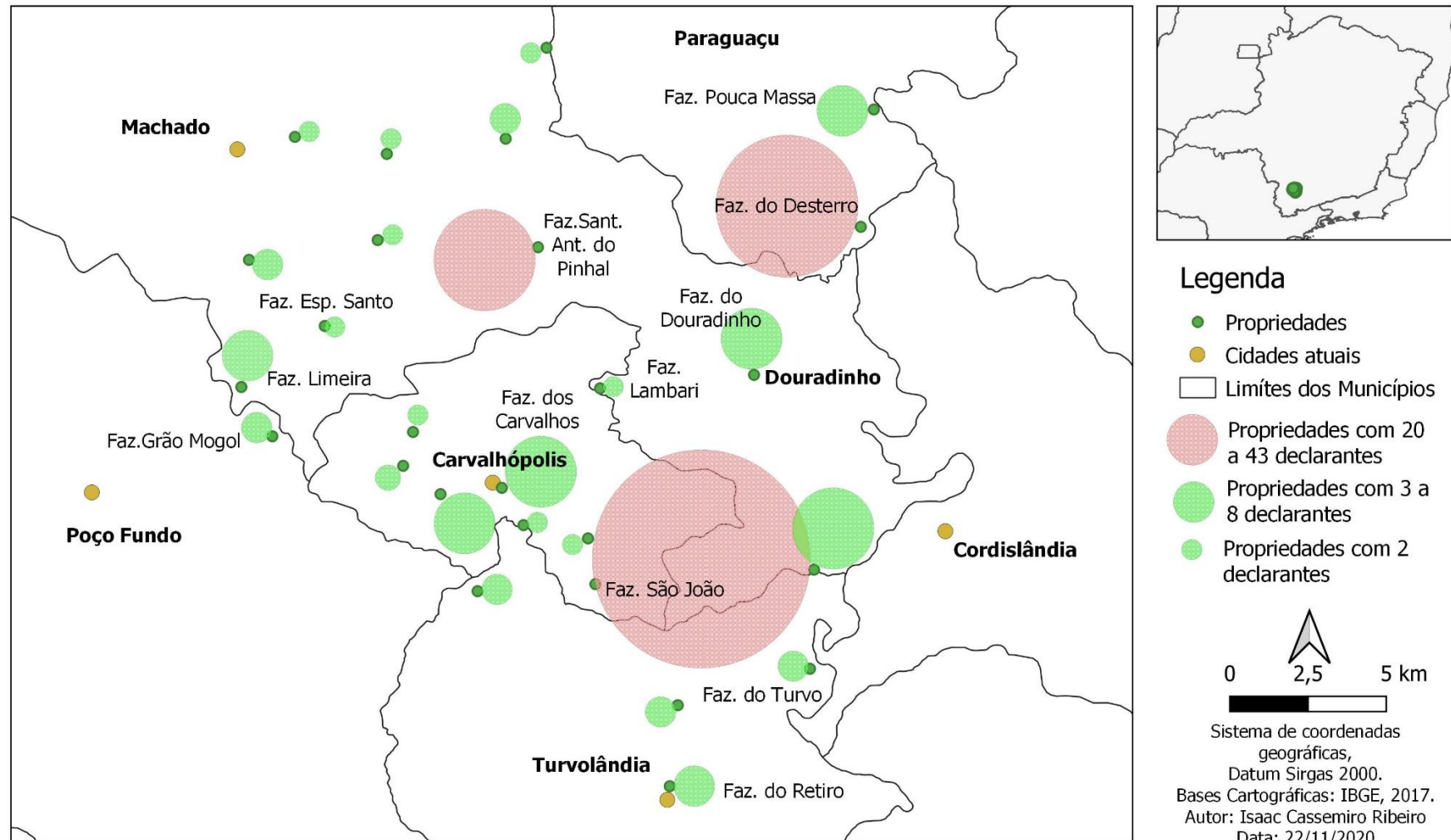
ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Resultados

A espacialização dos RTPs de Douradinho nos permitiu visualizar em um mapa georreferenciado a extensão do território da antiga freguesia, para o recorte dos anos de 1855 a 1856 (ver Mapa 3). Pela análise do mapa pôde-se observar que as terras se estendiam em áreas de atuais cinco municípios do entorno, a saber: Machado, Carvalhópolis, Paraguaçu, Poço Fundo e Turvolândia.

Mapa 3 – Propriedades com dois ou mais declarantes no Registro Paroquial de Terras de Douradinho (1855 – 1856)



Esse Mapa foi de suma importância para uma das seções de *banners* instalados na exposição local criada pelo projeto, pois permitiu que os moradores visualizassem a grande proporção da freguesia à mais de um século e meio atrás, respondendo e materializando, portanto, a noção do “quão grande era Douradinho”.

Também foi possível observar que as propriedades com o maior número de declarantes localizavam-se longe do antigo arraial e hoje distrito rural de Machado. Tal fato levantou indícios para análise de outro questionamento elencado quando da realização do projeto: por que Douradinho não se tornou cidade, sendo um dos povoados mais antigos da região? O mapa denota que em lugares como a atual cidade de Carvalhópolis (antiga fazenda dos Carvalhos) residiam mais pessoas do que no próprio entorno do arraial. Essa pode ser uma das variáveis que explica o fato de o distrito não ter se emancipado nos mais de dois séculos de sua história.

Por fim, para não “poluir” a visualização no mapa, optamos por não incluir a camada de hidrografia, com rios e córregos da região. Porém, observando a linha de propriedades que foram registradas na paróquia e estavam próximas do atual município de Machado, foi possível averiguar que a fronteira entre a freguesia de Douradinho e a de Alfenas (que englobava aquele território) tinha como marco o Rio Machado.

Considerações finais

Podemos concluir que a utilização do SIG Histórico é fundamental para o esclarecimento de questões levantadas na análise dos Registros Paroquiais de Terra as quais não poderiam ser visualizadas por outros meios. Do ponto de vista do nosso problema específico (a extensão territorial da antiga freguesia de Douradinho), a criação do mapa com os RTPs se mostrou crucial para entendermos e apresentarmos à população local as proporções geográficas da antiga freguesia, em contraponto ao comumente transmitido de forma oral pelos moradores do distrito. Por fim, vale destacar que, para se localizar as antigas toponímias foi primordial a participação de pessoas do local com sua sabedoria ancestral acerca da formação do território, sobretudo dos nomes de lugares, córregos, etc., e suas transformações no tempo. A interação com a população douradinhense, incluindo membros dela na equipe, garantiu não só a precisão na elaboração do mapa, mas também a efetividade extensionista do projeto que propusemos realizar.

Referências Bibliográficas

- AMANTINO, Márcia. *O Mundo das Feras: Os moradores do Sertão Oeste de Minas Gerais – século XVIII*. São Paulo: Annablume, 2008.
- ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Elites regionais e a formação do estado imperial brasileiro: Minas Gerais - Campanha da Princesa (1799-1850)*. 2ª Ed. Belo Horizonte, Fino Traço: 2014.
- ANDRADE, Rezende de Andrade. *Compadrio e posse da terra: da produção do espaço às hierarquias sociais (Vale do Rio Piranga, Minas Gerais, 1804 – 1856)*. Belo Horizonte: UFMG, 2018. (Tese de Doutorado em História)
- FONSECA, Cláudia Damasceno. *Arraiais e vilas d'el rei: espaço e poder nas Minas setecentistas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.
- GODOY, Marcelo Magalhães; LOUREIRO, Pedro Mendes. Os registros paroquiais de terra na história e na historiografia – estudo da apropriação fundiária na província de Minas Gerais segundo outra metodologia para o tratamento do primeiro cadastro geral de terras do Brasil. *História Econômica & História das Empresas*. XIII, 1 (2010), p.95-132.
- GUIMARÃES, Carlos Magno. *Uma negação da ordem escravista. Quilombos em Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: Ícone, 1988.
- LAGUARDIA, Rafael Martins de Oliveira. *Sorte de terra, fazenda, sesmaria... georreferenciamento como instrumento de análise do registro de terra*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.
- MARTINS, Tarcísio José. *Quilombo do Campo Grande: A História de Minas, roubada do povo*. Contagem: Santa Clara Editora, 2008.
- REBELLO, Ricardo Moreira. *O município de Machado até a virada do Milênio*. Machado: s. d., 2006. (2 Vols)
- RIBEIRO, Isaac Casemiro. *Família e povoamento na comarca do Rio das Mortes: Os “Ribeiro da Silva”, Fronteira, Fortunas e Fazendas (Minas Gerais, séculos XVIII e XIX)*. São João del-Rei: UFSJ, 2014. (Dissertação de Mestrado)

SOUZA, Laura de Mello e. *Norma e Conflito*: aspectos da história de Minas Gerais no século XVIII. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.